



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HEROICO, BASTARDO E DIVINO:

A DEIFICAÇÃO DA FIGURA MÍTICA DE ALEXANDRE O GRANDE E A
RELAÇÃO COM SUA PATERNIDADE EGÍPCIA

STEPHANY GUEDES KRAUSE

BRASÍLIA

2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HEROICO, BASTARDO E DIVINO:

A DEIFICAÇÃO DA FIGURA MÍTICA DE ALEXANDRE O GRANDE E A RELAÇÃO
COM SUA PATERNIDADE EGÍPCIA

Monografia apresentada ao Departamento de
História do Instituto de Ciências Humanas da
Universidade de Brasília para a obtenção do
grau de licenciado e bacharel em História, sob a
orientação do Prof. Dr. Vicente Dobroruka.

BRASÍLIA
2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

HEROICO, BASTARDO E DIVINO:

A DEIFICAÇÃO DA FIGURA MÍTICA DE ALEXANDRE O GRANDE E A RELAÇÃO
COM SUA PATERNIDADE EGÍPCIA

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR. VICENTE DOBRORUKA (ORIENTADOR)

PROF. DR. JOSÉ LUIZ DE ANDRADE FRANCO (UNB)

PROF. DR. OTÁVIO LUIZ VIEIRA PINTO (UDESC)

DATA DA DEFESA: 11 DE JULHO

BRASÍLIA
2018

“ALEXANDRE, DA CASA MACEDÔNIA, O TERCEIRO DE SEU NOME, O NASCIDO DOS DEUSES, O NÃO DERROTADO, O PAI DE BUCÉFALO, O REI DOS HELENOS E DOS PERSAS, PROTETOR DO IMPÉRIO MACEDÔNICO, LIBERTADOR DOS EGÍPCIOS, DESCENDENTE DE AMON E ZEUS. O GRANDE”.

Agradecimentos

Primeiramente, quero deixar claro que, com exceção da minha família, a ordem dos agradecimentos não define o grau de importância dos citados. Todos colaboraram a sua maneira e de forma imprescindível ao longo da minha formação até o presente momento. Tendo isso esclarecido, prosseguirei.

Mãe, Pai, os senhores me ensinaram que o esforço e o trabalho honesto sempre compensa, obrigado por esse e todos os preciosos ensinamentos que levarei para a vida. Irmãos, obrigado por me encherem o saco e fazerem os dias de estresse ficarem mais leves. Irmã, obrigado por ajudar e me compreender por todos esses anos. Família, mesmo não tendo muita ideia do que eu estudo, todo o investimento e esforço conferido a mim por vocês, demonstram a confiança que temos um nos outros. Nunca existirão ‘obrigados’ suficientes para agradecer. Apesar de fisicamente longe uns dos outros, sabemos que estamos todos juntinhos em nossos corações. *“Ohana quer dizer Família. Família quer dizer nunca abandonar ou esquecer”*.

Esse agradecimento especial vai para a pessoa que mais me deu suporte físico e psicológico em todos esses anos de graduação: Lucas. Você sabe o quanto foi, é, e sempre será importante na minha vida. Obrigado por me fazer rir quando eu queria chorar, por me dar forças quando eu só queria dormir e me manter lá no alto quando eu achava que ia cair, mas, sobretudo obrigada pelas inúmeras caronas para as aulas das 08h00min, isso eu nunca terei como retribuir!

Vicente, ao longo dos anos você se tornou bem mais que o orientador do MPS, você é a figura paterna que a UnB nos proporcionou. Muito obrigada por me resgatar de um semestre sem expectativas, me acolher no MPS e me fazer lembrar por que eu escolhi a História para minha vida. Você me fez acreditar que eu sou uma boa historiadora quando eu mesma não acreditava. Obrigada por me ensinar, esse é o maior presente que alguém pode me dar: conhecimento. Desejo-lhe muitos títulos da Ferrari e, bem, o resto você sabe. Orai por nós, São Vicente da Colina!

Amigos! Obrigada por estarem comigo! Paulinha, você foi minha primeira amiga da UnB e compartilhamos momentos maravilhosos nessa Universidade e na vida. Só nós sabemos como foi a composição dessas nossas monografias! Por isso e tudo mais, obrigada! Você tornou meu mundo mais rosa e fofo.

Querido Raul, vulgo Marcos Túlio (ou o contrário?), obrigada pelos almoços, pela companhia e pelas fotos fofas do Pretinho. Você e o Lucas estavam comigo no meu primeiro dia de aula e agora também estarão no último fechando esse ciclo. Vocês sempre farão parte da minha vida onde quer que eu esteja.

Ao MPS como um todo, amigos obrigada de coração! As tardes no píer e os jogos no finado Moebius nos mostraram como pessoas tão diferentes podem ser mais parecidas do que se espera. Carol, sua delicadeza me fez mais gentil; Victor, seus incessantes julgamentos me fez querer ser melhor (eu sei que você não faz por mal, você é um fofo!); Igor, sua inteligência me inspira; e ao Lucas Guilherme, o agradecimento é especial: obrigada pelas dicas e a ajuda com as fontes. Eu estava meio perdida nesse mundo helênico e você me apontou o caminho.

Obrigada também a todos que não citei especificamente, mas que caminharam comigo ao longo dessa jornada.

E para finalizar, obrigada a toda a Espiritualidade por iluminar meus caminhos e permitir que eu chagasse até aqui, sem me perder e melhor do que quando comecei.

Resumo

Alexandre o Grande é visto sob dois aspectos: o Alexandre histórico e o Alexandre mítico. Por conta da influência de sua mãe e toda incrível conquista do mundo persa, muita coisa foi escrita sobre ele, principalmente após sua morte, o que acabou resultando na criação da figura de um Alexandre mítico, associada aos deuses.

Esse trabalho aborda a personalidade mítica, principalmente no contexto egípcio, usando fontes historiográficas em paralelo à obra ficcional Romance de Alexandre, onde encontra-se o mito sobre sua paternidade egípcia.

O texto oferece também uma contextualização histórica do Egito no período persa e helênico, e como se deu a legitimação de Alexandre em contraste com seus sucessores.

Palavras chave: Antiguidade, Mítico, Histórico, Persas, Egito, Divino.

Sumário

Agradecimentos	5
Resumo	7
Introdução	9
1. Heróico	12
1.1. Alexandre III: Magno e da Macedônia	12
1.2 Entre fontes e <i>fanfictions</i>	14
1.3. O ambiente familiar do filho de Amon	16
2. Bastardo	20
2.1. Um herói predestinado	20
2.2. O Romance de Alexandre	21
2.3. O rei, o deus e o oráculo	26
3. Divino	29
3.1. O contexto Egípcio: o bom filho a casa torna	29
3.2. Filho de egípcio, egípcios és – a legitimidade do poder de Alexandre no Egito	32
3.3. Uma coisa é Alexandre, outra coisa são seus sucessores: a Dinastia Lágida	33
Considerações Finais	36
Bibliografia	37

Introdução

É de amplo conhecimento quem foi Alexandre o Grande, e que sua vida foi marcada por grandes eventos, batalhas, e conquistas. O príncipe, e posteriormente rei da Macedônia; O jovem que aos 32 anos conquistou a maior parte do mundo conhecido na época; O homem que libertou cidades da dominação dos terríveis persas; O comandante que nunca perdeu uma batalha; Aquele que fora o filho dos deuses. E é exatamente sobre ser filho dos deuses que esse trabalho se concerne.

Falar de Alexandre é sempre algo dual, visto que existe a faceta histórica (o homem e os eventos que realmente aconteceram), e a mítica (o filho de Amon e o conjunto de lendas que seus feitos deram origem). É praticamente impossível tratar de uma sem falar da outra, e por muitas vezes elas se confundem.

Sua figura está presente em um número relevante de fontes que foram escritas com Alexandre ainda vivo. Os fragmentos desses relatos primários deram origem a várias fontes secundárias. Fontes essas que se tornaram tão significativas que as usamos de forma exaustiva, como quase que fossem fontes primárias. Apesar de terem sido escritas séculos depois da morte de Alexandre, os principais autores sobre sua vida, aparentemente, partem de uma fonte “ancestral comum”.

Divino, Heroico e Bastardo é uma série de três pesquisas que tem origem no âmbito do Programa de Iniciação Científica da UnB (PROIC-UnB), entre 2016 e 2018, com esse trabalho monográfico como desfecho, ambos sob a orientação do professor doutor Vicente Dobroruka.

Essa pesquisa partiu da proposta ambiciosa de estudar a temática egípcia em um grupo de estudos persa, o *Middle Persian Studies*. Como fazer isso? Os estudos alexandrinos representam um elo que junta três grandes pilares da antiguidade: Grécia, Pérsia e o Egito. Estava aí o meu gancho para o Egito.

As histórias sobre Alexandre, o famoso conquistador da antiguidade, foram contadas ao longo dos anos, em várias línguas¹, para vários povos e em vários períodos.

Por conta da influência de sua mãe em sua criação, desde cedo Alexandre assimilou uma áurea de sobrenaturalidade em sua personalidade. Se em vida a produção textual sobre Alexandre já mesclava a realidade e mito, após sua morte isso virou costume.

¹ AMITAY, Ory. *From Alexander to Jesus*. Berkeley / Los Angeles: University of California Press, 2010, p.1.

Esse trabalho tem como objetivo falar da figura mítica de Alexandre o Grande, com base em fontes históricas secundárias (póstumas), derivadas de fontes primárias (em vida), em paralelo com a grande estrela desse trabalho: o Romance de Alexandre.

O Romance de Alexandre é uma obra medieval fictícia que apresenta uma lenda no qual a verdadeira paternidade de Alexandre seria egípcia. Segundo a lenda, Alexandre seria na verdade filho de Nectanebo II, o último faraó egípcio do Egito.

O Egito estava sobre domínio persa desde 343 BCE, e quando os gregos chegaram em 332 BCE, foram recebidos como libertadores, e deram origem a dinastia lágida.

O primeiro capítulo desse trabalho apresenta uma breve biografia de Alexandre, pois o ambiente familiar no qual ele foi criado é extremamente relevante para a formação de sua personalidade. A influência de sua mãe e a relação ruim com o pai foi categórica para criação da faceta mítica aqui abordada. A contextualização desse meio e o levantamento das fontes com qual se trabalha Alexandre, servem de base para o que vem ser exposto no capítulo 2: a paternidade divina.

Depois da Bíblia, o Romance de Alexandre é possivelmente a obra que mais foi consumida durante o medievo. Ela traz a lenda de que Alexandre seria secretamente filho do último faraó do Egito², e que estava destinado a libertar o Egito do domínio persa.

É notável que várias passagens do Romance tem certo respaldo nas fontes historiográficas, e nesse capítulo é traçado alguns desses paralelos que legitimam a figura mítica de Alexandre, como a visita ao oráculo de Amon.

Se no capítulo 1 e 2 os objetivos são, respectivamente, apresentar as fontes e figura de Alexandre, e abordar sua filiação divina, o capítulo 3 tem como cerne a legitimidade do poder de Alexandre no Egito, em contraste com seus sucessores. Alexandre foi o libertador, reconhecido como faraó e legitimado pelas palavras do oráculo. O mesmo não se aplica a Ptolomeu e toda a dinastia Lágida.

Como dito anteriormente, quando se trata de Alexandre, mito e realidade andam juntos e muitas vezes mesclados. Sua figura foi grandiosa em vida e tornou-se maior ainda com a inesperada morte. Mesmo após 23 séculos, e principalmente com a

² O rei Nectanebo II do Egito, que fugindo dos persas, se refugiara na corte macedônica onde teria sido reconhecido como um grande mago egípcio, sendo então alvo da apreciação de Olímpia, atraindo assim sua atenção e tornando-se secretamente pai de Alexandre, dando então continuidade à linhagem de sangue dos faraós.

crescente popularização da micro história³, ainda existem aspectos sobre seu legado que podem render futuras pesquisas inéditas. Alexandre ainda tem muito que nos dizer, afinal, os deuses vivem para sempre.

³ Gênero historiográfico que constitui um modelo teórico que destaca um determinado recorte em escala mínima, de curtíssima duração. São obras que se propõem a auxiliar as obras de história geral de longa duração, dedicando-se a preencher períodos imensos da história que tem sido estudado de maneira generalista.

1. Heróico

1.1. Alexandre III: Magno e da Macedônia

Alexandre III da Macedônia, que entrou para a história como Alexandre, o Grande, nasceu em Pela, Macedônia no ano de 356 BCE, no 6º dia de Hecatômbeon⁴, mês que os Macedônios chamavam de Loos e que corresponde ao mês de julho do calendário gregoriano.

O nascimento de Alexandre coincide precisamente com o dia que ocorreu o incêndio no templo de Ártemis, em Éfeso. Plutarco ao citar Hegésias de Magnésia⁵, disse que o incêndio ocorrera por que Ártemis estava ocupada com o nascimento do príncipe⁶, portanto negligenciou a segurança de seu próprio Santuário, pois supervisionava o parto de Alexandre.

Posteriormente, os acontecimentos relativos ao templo de Ártemis foram interpretados como um presságio em relação ao que viria ser a personalidade avassaladora de Alexandre e sua campanha devastadora pela Ásia.

Alexandre III era filho de Filipe II, rei da Macedônia (antiga cidade grega e localizada atualmente no norte da Grécia), e Olímpia, princesa do Épiro (atual Albânia).

A ascendência genealógica que a lenda estabeleceu para Alexandre dar-se como descendente de Zeus por dupla via: por via paterna, é descendente de Hércules (filho de Zeus e de Alcmena) e, por via materna, é descendente de Éaco (filho de Zeus e de Egina). Dito de outra forma, além de descender de Hércules e Aquiles, dois seres de exceção do mundo mitológico grego, Alexandre era ainda filho de Zeus, o deus supremo dos Gregos, pai dos deuses e rei dos homens, senhor da Terra e do Olimpo. (SALES 2014, p.73)

⁴ O calendário ático, que era o calendário em vigor em Atenas durante a antiguidade e o mais conhecidos de todos os gregos. Ele compreendia 12 meses lunares, alternadamente com 29 dias (meses ocos) e 30 dias (meses plenos), ou seja, um total de 354 dias. Em 432 a. C., com a reforma do calendário empreendida por Méton, estabeleceu-se que o ano se iniciava com o mês de Hecatômbeon, que começava com a lua nova mais próxima do solstício do Verão. Em termos de correspondência com os meses do nosso calendário, pode estabelecer-se a seguinte relação: Hecatômbeon Julho; Memactérion Agosto; Boedrómion Setembro; Metagítion Outubro; Pianépsion Novembro; Poseidon Dezembro; Gamélion Janeiro; Antestérion Fevereiro; Elafebólion Março; Muniquion Abril; Targélion Maio e Cirrofóron Junho.

⁵FGrHist142

⁶Vida de Alexandre 3

Alexandre ascendeu ao trono em 336 BCE após o assassinato do seu pai⁷. Como rei, Alexandre empreendeu diversas campanhas em direção à Ásia. Depois de passar pelos Balcãs, pela Ásia Menor, pela Síria e pelo Egito, chegou à Mesopotâmia em 331 BCE. Foi lá que Alexandre derrotou Dario III⁸ e conquistou Babilônia, na batalha que ficou conhecida como Batalha de Gaugamela.⁹ Posteriormente a Batalha de Gaugamela, Alexandre deixou a Mesopotâmia em direção à Pérsia e à Índia, onde empreendeu outras conquistas ao longo de vários anos. Contudo, em 323 BCE retornou à Babilônia onde permaneceu até a sua morte. Alexandre morreu vítima de uma forte febre no palácio que fora de Nabucodonosor II. Hoje sabe-se que febre é um sintoma, não uma doença, o que fez com que a causa de sua morte continue um mistério.

Apesar de ter começado esse capítulo introduzindo e descrevendo um Alexandre histórico, esse não é o objetivo desse trabalho. Falar sobre Alexandre tornou-se algo ambíguo ao longo dos séculos. A figura dele se tornou grande demais, e distinguir os fatos históricos das invenções e imaginações tardias é como separar o trigo do joio, visto que majoritariamente tudo que temos atualmente sobre ele são fontes secundárias, terciárias e comentadores. Um bom exemplo a se destacar é que praticamente nada sabemos a respeito das ideias, pensamentos e objetivos. O que estão nas fontes refere-se apenas ao que os autores e biógrafos achavam que ele pensava. Até existe relatos de alguns de seus discursos, mas a autenticidade ainda é muito polêmica.

Sabemos que ele saiu da Macedônia com o intuito de libertar as cidades gregas da dominação persa, mas se foi pelos louros da reconquista, pelos prazeres da guerra e da vitória ou por ambição, a questão é cada um fala uma coisa sobre o real objetivo de Alexandre ter estendido sua campanha pelo continente asiático. Sabe-se também que se não fosse pelo descontentamento generalizado de suas tropas, ele não teria desistido de avançar na Índia.

Porém, fartos de tanto sofrimento, os guerreiros macedônicos recusam-se a prosseguir. Embora o motivo alegado fosse o de que não suportavam mais ver Alexandre correndo riscos, não é difícil imaginar o estado de espírito daqueles homens que haviam enfrentado toda sorte de obstáculos – perigo, medo, fadiga,

⁷ Maria Annie. Mesopotamia – Unabridged Guide. Aspley: Emereo Publishing. Pp. 148-149.

⁸ Dario III (380 - 330 BCE.) foi o último rei da dinastia Aquemênida da Pérsia.

⁹ Annie, Mesopotamia – Unabridged Guide, Aspley: Emereo Publishing p. 156.

privação, guerra, ferimentos e doenças – ao longo de aproximadamente oito anos e que agora se encontravam a milhares de quilômetros de casa, sem nenhum fim aparente para sua campanha. A discórdia se disseminou entre as tropas e segundo informam as fontes, Alexandre procurou reanima-las com um discurso inflamado. [...]. As tropas não se deixaram convencer, nem mesmo quando o rei ameaçou dispensar aqueles que queriam voltar para casa e prosseguir apenas com voluntários. Inconformado, Alexandre passou três dias enclausurado em sua tenda, recusando-se a falar até mesmo com os amigos mais próximos. Por fim percebeu que havia perdido e comunicou aos generais que decidira voltar. A notícia foi recebida pelas tropas com alegria. (RICE, 2005 pp. 77, 78)

Mesmo não sabendo ao certo seus objetivos, existem duas vertentes mais “aceitas”. Uma delas é que ele queria conquistar todo o mundo conhecido, ou pelo menos o mundo que ele conhecia, e a outra é que ele queria chegar ao outro lado do mar. Bom, ele não chegou ao outro lado do Índico, mas conquistou quase todo o mundo antigo conhecido.

1.2 Entre fontes e *fanfictions*¹⁰

Como Alexandre já era dado a excessos e grandiosidades é possível que as fontes produzidas durante sua vida já fossem naturalmente infladas. E se isso aconteceu enquanto a figura ainda era viva, em sua morte essa inflação perdeu totalmente o controle.

O número de histórias fantasiosas e *fanfictions* criadas a partir da figura mítica que ele se tornou é consideravelmente grande.

A mais conhecida fonte historiográfica sobre Alexandre é Calístenes de Olinto. Parente de Aristóteles, Calístenes foi seu biógrafo e historiador oficial durante a campanha pela Ásia. Muitos dos escritores subsequentes usaram-se dessa fonte e de

¹⁰Termo contemporâneo (em português, literalmente, ficção de fãs), que designa uma narrativa ficcional, que parte da apropriação de enredos e personagens provenientes de produtos midiáticos já existentes, sem a intenção de ferir os direitos autorais, ou obter lucros. Tem como finalidade a construção de um universo paralelo ao original e também a aproximação dos fãs com as obras que apreciam para limites mais extensos. O termo é aqui empregado como uma analogia às obras ficcionais que tem Alexandre o Grande como personagem, como o Romance de Alexandre que abordarei mais a frente.

várias outras histórias populares, que se originaram a partir dessa. A obra de Calístenes seria algo como um “ancestral comum” as obras subsequentes.

Basicamente o que temos hoje sobre Alexandre são obras tardias e secundárias, nos quais os relatos mais usuais são dos autores Arriano¹¹, Diodoro¹², Plutarco¹³ e Quinto Cúrcio Rufo¹⁴.

Arriano foi um historiador grego nascido na província romana da Bitínia. Sua obra sobre Alexandre refere-se a seis volumes, conhecidos em grego como *Anábasis*¹⁵. Trata-se de uma descrição cronológica bastante coerente das campanhas de Alexandre.

O outro autor, Diodoro escreveu em grego, no primeiro século da era comum, a obra que pode ser traduzida como *Biblioteca Histórica*, que trata de uma história cronológica do mundo, desde os tempos mitológicos até a própria época do autor. No tomo 17 da obra contém a história de Alexandre.

O terceiro autor se vale mais do campo biográfico do que da história: Plutarco. Talvez, recentemente, a fonte mais famosa sobre Alexandre. Seu relato *Vida de Alexandre*¹⁶ está contido na obra *Vidas Paralelas*. Esse conjunto de biografias, tal como a conhecemos hoje em dia, consiste em 23 pares, e quatro biografias ímpares¹⁷, contendo cada par a descrição da vida de um homem ilustre grego e outro romano. A primeira tradução das biografias escritas por Plutarco para a língua moderna foi realizada por João Fernandes de Herédia¹⁸ entre os anos de 1379 e 1384, em aragonês¹⁹.

A parte dedicada a Alexandre corresponde ao primeiro capítulo do volume 18. Já na introdução Plutarco diz que seu objetivo é descrever vidas e não histórias, o que resulta em um estilo narrativo distinto e próprio.

¹¹Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, ca. 92 CE – 175 CE, Nicomédia (antiguidade clássica e império romano), atual Izmit, Turquia.

¹²Diodoro Sículo ou Diodoro da Sicília, ca. 90 BCE – 30 BCE, Agira (atual comuna italiana da província de Ena), Sicília.

¹³Lúcio Méstrio Plutarco, ca. 46 CE – 120 CE, Queroneia, Beócia.

¹⁴Quinto Cúrcio Rufo, primeira metade do século I. A data específica e cidade do nascimento são desconhecidas.

¹⁵A obra mencionada é a Anábase de Alexandre, de Arriano, diferente da Anábase de Xenofonte, de autoria do historiador e soldado Xenofante. Enquanto a obra de Arriano fala sobre a vida de Alexandre, a de Xenofante conta a história da jornada de um grupo de soldados gregos que, em 401 BCE, marcharam desde a costa até o interior do império persa.

¹⁶A partir daqui usarei a sigla VA para referir-me a obra Vida de Alexandre.

¹⁷Sendo dois romanos, um grego e um persa.

¹⁸João Fernandes de Herédia 1310 CE – 1396 CE, Munébrega Aragão, foi um escritor, mecenas, político e diplomata do Reino de Aragão. Esteve ao serviço do rei D. Pedro IV de Aragão.

¹⁹O aragonês é uma língua românica falada na península Ibérica

Além de Arriano, Diodoro e Plutarco, existe ainda Quinto Cúrcio Rufo, que escreveu a versão latina intitulada *A história de Alexandre o Grande*, mas não se sabe basicamente nada dele.

Além dos autores e obras citados a cima existe ainda aquela que designamos como a mais criativa e fantasiosa narrativa acerca da história de Alexandre, o famigerado Romance de Alexandre. Essa obra, que trata em suma maioria de um Alexandre mítico, e traz a lenda de que sua verdadeira paternidade era de origem egípcia. Apesar de ser uma das fontes primordiais desse trabalho, tratarei dela no próximo capítulo, pois ela merece um sub tópico próprio.

Existem ainda fontes primárias como Nearco²⁰, Onesícrito²¹ e Aristóbulo²², porém não cabe nesse trabalho aborda-las diretamente, pois trataremos aqui de um Alexandre mitológico, que não está nas fontes primárias, mas nas que foram criadas a partir delas.

1.3. O ambiente familiar do filho de Amon

Desde seu conturbado nascimento (não o parto em si, mas os eventos concomitantes), durante sua vida, principalmente póstuma, toda historiografia em torno de Alexandre se confunde com fatos míticos e fantásticos.

Por influencia de sua mãe, Alexandre cresceu sob uma áurea de auto deificação, visto que ela ressaltava sua origem divina afirmando que ele era filho de Zeus. Alexandre acatou tais ensinamentos, tomou consciência do princípio da ancestralidade divina e desenvolveu com a mãe uma relação de enorme proximidade e sintonia espiritual²³.

A insistência da mãe em afirmar que Alexandre era filho dos deuses, o que de certa forma o qualifica como bastardo, somado ao fato de que ele não se dava com o pai possivelmente foi um dos fatores que desenvolveu seu caráter divinizado.

²⁰ FGrHist133.

²¹ FGrHist134.

²² FGrHist139.

²³ Plutarco diz que, depois de visitar o oráculo de Amon, em Siwah, no Egito, em 332 BCE e de ter ouvido os oráculos pronunciados pelo primeiro profeta de Amon, o próprio Alexandre, numa carta a sua mãe, diz ter obtido do oráculo alguns vaticínios secretos, e que no regresso à Macedônia, comunicaria somente a ela. VA, 52

Sobre Olímpia, as fontes a seu respeito são unânimes em relação a sua personalidade. Todas as descrevem como uma mulher terrível, de temperamento forte e afeita a rituais religiosos associados a Dioniso²⁴ e Isis²⁵.

Existem passagens em Plutarco que dão a entender que a fidelidade de Olímpia era no mínimo questionável. Ela é descrita como incrivelmente bela, admirada nesse quesito até por seus desafetos, porém arrogante, de índole ciumenta e vingativa, fomentando intrigas entre Alexandre e Filipe²⁶.

Por aquelas coisas, o pai, como se pode imaginar, amava-o unicamente, e era fácil ouvir os macedônios chamarem rei a Alexandre e capitão a Felipe. Mas as perturbações que desde então lhe ocorreram em casa por causa de suas novas núpcias e novos amores, deram motivo a grandes divergências e pesadas disputas entre eles, porque o mal da dissensão e ciúme das mulheres chegou ao ponto de partir os corações dos próprios reis, tendo sido disso causa principal a rude natureza de Olímpia. Mulher ciumenta, colérica e vingativa por natureza, irritava Alexandre e aumentava as queixas que ele tinha do pai. (VA 14).

Com relação a seu pai, Alexandre nunca teve uma boa relação com Filipe. Na historiografia são várias as passagens que destacam os conflitos que ambos embatiam.

Alexandre crescera com herdeiro legítimo de Filipe, acompanhando o pai em campanhas militares e assumindo o trono na ausência do rei. Existia uma nítida admiração do pai pelo filho; no entanto, os ressentimentos que haviam se acumulado entre Filipe e Olímpia – decorrentes de seus casamentos posteriores e do nascimento de filhos ilegítimos, além da postura ciumenta e vingativa de Olímpia, que irritava Alexandre e aumentava as queixas que ele tinha do pai – culminaram em grandes disputas e desavenças entre pai e filho.

Uma das mais famosas disputas entre os dois se deu na ocasião das núpcias de Filipe com a jovem Cleópatra, sobrinha do general macedônico Átalo. Durante a festa,

²⁴ RICE, E. Alexandre o Grande. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2005. p 20.

²⁵ Isis foi uma das principais divindades na religião no Antigo Egito cuja veneração espalhou-se também para o mundo greco-romano. Durante o período Ptolemaico (dinastia lágida), quando o Egito foi governado e colonizado por gregos, Isis passou a ser venerada pelos egípcios e gregos junto com um novo deus, Serápis (divindade sincrética helenístico-egípcio criada por volta do século IV BCE, com objetivo de reunir as crenças egípcias e gregas. Do lado egípcio o deus identificava-se com Osíris, marido de Isis, e do lado grego se aproximava de Dioniso, o deus dos mistérios).

²⁶ VA, 5-9.

regada a muito vinho, após ouvir Átalo pedir aos deuses que daquela união nascesse um herdeiro legítimo, Alexandre teve um ataque de fúria, pois ao pronunciar tais palavras deu a entender que Alexandre seria bastardo. Filipe sacou a espada, mas a embriaguez impediu-o de atacar o próprio filho. Depois do episódio, Alexandre pegou Olímpia e a levou de volta ao Épiro e se exilou em Ilíria, junto de muitos de seus companheiros.

Todavia, a mais aparente ocasião foi a que lhe deu Átalo, nas núpcias de Cleópatra, que Felipe desposou solteira, tendo se tornado, fora de idade e de estação, amoroso dela. Átalo, que era tio da recém-casada, embriagou-se no festim das núpcias e assim embriagado, admoestou os outros senhores macedônicos, que estavam também no festim, a pedirem aos deuses que de Felipe e de Cleópatra pudesse nascer um herdeiro legítimo para suceder ao reino da Macedônia. Sentindo-se magoado, Alexandre deu-lhe um golpe na cabeça, dizendo-lhe: “E eu, traidor, que és, parece-te então que eu seja bastardo?” Vendo isso, Felipe levantou-se subitamente da mesa, empunhando a espada, mas, por sorte de ambos, como estivesse perturbado pela cólera e pelo vinho, caiu por terra. E então Alexandre, zombando dele, disse: “Aí está aquele que se preparava para passar da Europa à Ásia, desejando somente passar de um leito a outro, e agora se deixa cair de comprido”. Após esse grande escândalo, tomou sua mãe Olímpia e levou-a de volta para o Épiro, passando pela Esclavônia. (VA 14)

Contudo, Filipe nunca teve a intenção de deserdar o seu político e militarmente treinado filho. Seis meses depois, com a mediação de Demarato²⁷, os dois fizeram as pazes e Alexandre retornou para casa.

No ano seguinte o governador de Cária²⁸, Pixodaro, ofereceu a mão de sua filha ao meio-irmão de Alexandre, Filipe Arrideu. Olímpia e vários amigos de Alexandre sugeriram então que isso mostrava que Filipe iria fazer de Arrideu seu herdeiro. Alexandre reagiu enviando um ator até Corinto para dizer a Pixodaro que ele não deveria oferecer sua filha a um ilegítimo, mas deveria o fazer a Alexandre. Quando

²⁷ Um coríntio convidado na corte de Filipe que esteve presente em vários episódios importantes da vida de Alexandre.

²⁸ Região ao oeste da Ásia Menor

Filipe ouviu isso, parou as negociações e repreendeu Alexandre por querer se casar com a filha de Cária, afirmando que ele queria uma noiva melhor para ele.

2. Bastardo

2.1. Um herói predestinado

O Alexandre histórico já nasceu mítico. O primeiro grande fato envolvendo toda a áurea sobrenatural que viria envolver sua figura deu-se nos sonhos proféticos que seus pais tiveram mais ou menos na ocasião de sua concepção.

Segundo Plutarco, na noite anterior ao casamento de Olímpia e Filipe, esta teve um sonho no qual após um trovão, um raio lhe caíra sobre o ventre, provocando um fogo intenso, cujas chamas se dispersaram em redor, até que se extinguíram²⁹.

Filipe por sua vez, algum tempo depois do caso, sonhou que marcava o ventre de sua esposa com um selo com o símbolo de leão. Os adivinhos foram categóricos: a rainha estava grávida e seu herdeiro seria tão corajoso e arrojado como um leão³⁰.

Foi o sinal da predestinação heroica desde o ventre materno.

Durante toda sua vida, principalmente na infância, Olímpia inseriu no jovem Alexandre a noção da sua origem divina, em última instância como filho de Zeus. Alexandre acalentou tais ensinamentos, tomou consciência do princípio da ancestralidade divina e desenvolveu com a mãe, em consequência, uma relação de enorme proximidade e sintonia espiritual.

As idéias de predestinação e de sobrenaturalidade que as narrativas sobre Alexandre mencionam seriam, em parte, resultantes da educação familiar que recebera e teria marcado indelevelmente seu carácter. Em consequência, a sua futura atuação só poderia consistir na demonstração desses caracteres.

Plutarco registra, citando Eratóstenes^{31 32}, que ao sair numa expedição, Olímpia teria revelado a Alexandre o segredo do seu nascimento³³ e o teria exortado a mostrar sentimentos dignos da sua origem.

[...] E Olímpia, segundo escreve Eratóstenes, dizendo adeus ao filho, quando este partiu para a conquista da Ásia, depois de lhe ter revelado,

²⁹ Vida de Alexandre 2

³⁰ Vida de Alexandre 2

³¹ FGrHist241

³² Eratóstenes de Cirene foi um matemático, gramático, poeta, geógrafo, bibliotecário e astrônomo da Grécia Antiga, conhecido por calcular a circunferência da Terra.

³³ VA 3

a ele somente em segredo, de quem e como o concebera, pediu-lhe e aconselhou-lhe que tivesse coragem digna daquele que o gerara (VA 4)

Com toda alienação por parte da mãe e todas as surpreendentes conquistas em vida, é natural que Alexandre começasse a relacionar seus vitoriosos feitos a uma ascendência paterna divina. E a fonte que mais trata desse mito é o *Romance de Alexandre*.

2.2. O Romance de Alexandre

Enganam-se os muitos que afirmam que Alexandre foi filho do rei Filipe, pois isso não é verdade. Não era filho daquele, mas de Nectanebo, e dizem os mais sábios dos egípcios que o engendrou depois de haver perdido a sua dignidade régia.
(RA, Prólogo).

O RA³⁴ é o nome de uma coleção de lendas sobre as histórias míticas de Alexandre, o Grande.

Sua primeira versão conhecida foi escrita em grego no séc. III, mas a verdadeira data de composição pode ser até mesmo pouco depois da morte de Alexandre, seis séculos antes. O autor do RA é conhecido por *Pseudo-Calístenes*, pois vários manuscritos do séc. XV atribuem a obra ao historiador Calístenes de Olínto, mas sabe-se que Calístenes foi executado tempos antes da morte do rei e, sendo assim, não poderia ter escrito um relato completo de sua vida e morte, portanto o autor da obra é denominado Pseudo-Calístenes.

Como dito anteriormente, o RA foi provavelmente escrito originalmente em grego, mas existem as versões armênic, copta, latina.

A versão armênic³⁵ é traduzida originalmente do grego; a versão copta³⁶ tem passagens singulares e alusões bíblicas; e a versão latina³⁷ foi traduzida por Julius Valerius Alexandre Polemius.

³⁴ A partir daqui usarei a sigla RA para me referir a obra Romance de Alexandre

³⁵ LINT, Theo van. “*Alexander Romance, Armenian*” in: Oliver Nicholson (1ed.). The Oxford Dictionary of Late Antiquity. Oxford; Oxford University Press, 2018.

O *RA* é um relato fictício e fantástico sobre a verdadeira paternidade de Alexandre, que na obra é atribuída a Nectanebo II, último faraó nativo do Egito.

O mais duradouro desses primeiros relatos foi o Romance de Alexandre, que foi atribuído a Calístenes, que assim veio a ser conhecido como Pseudo-Calístenes. A formação deste trabalho é complexa. Inclui várias vertentes textuais separadas: uma novela sobre o nascimento de Alexandre, em que seu pai é o exilado faraó Nectanebo II; Uma narrativa militar, na qual a topografia e a cronologia são altamente ilegíveis; Uma série de cartas entre Alexandre e Dario, que existiu como uma obra separada (partes foram encontradas em papiro); A carta a Aristóteles sobre Índia, que está cheia de encontros com animais fabulosos e monstruosos e diferentes raças de seres humanos; Uma novela sobre seu encontro com a rainha Candace de Meroe, no sul do Egito; E a vontade de Alexandre de que Ptolomeu governasse o Egito, o que corrobora com a reivindicação do general após a morte de Alexandre. A data em que esses elementos foram compilados em uma única obra é contestada. O presente autor é de opinião que a versão mais antiga do romance foi concluída no reinado de Ptolomeu II, mas a versão tradicional da composição integral do trabalho não ocorreu até o terceiro século d.C, pouco antes de sua tradução do grego para o latim por Julius Valerius. (STONEMAN 2011, p.2)

A história conta que fugindo dos persas, Nectanebo se refugiara na corte macedônica, estabelecendo-se como um sacerdote perito em artes mágicas.

Ele próprio voltou ao palácio e mandou que todos saíssem de sua presença. Então, quando estava sozinho, colocou o caldeirão e encheu-o de água. E primeiro atirando nela os pequenos barcos de cera e tomando a vara em sua mão, ele pronunciou as palavras potentes.

³⁶MACCOULL, Leslie. “*Alexander Romance, Coptic*” in: Oliver Nicholson (1ed.). The Oxford Dictionary of Late Antiquity. Oxford; Oxford University Press, 2018.

³⁷SHORROCK Robert. “*Alexander Romance, Latin*” in: Oliver Nicholson (1ed.). The Oxford Dictionary of Late Antiquity. Oxford; Oxford University Press, 2018.

Então, olhando para o caldeirão, viu que os deuses dos egípcios estavam pilotando os barcos dos inimigos bárbaros. Por isso, percebendo que o rei dos egípcios havia sido traído pelos Bem-aventurados, raspou a cabeça e a barba para disfarçar-se, e, vestindo o manto o maior ouro que pôde esconder, fugiu do Egito através de Pélusio. E depois de viajar por muitas nações, ele veio a Pela na Macedônia. Lá ele vestiu-se em uma roupa de linho como um adivinho egípcio e astrólogo e sentou-se na praça pública para dar conselhos a qualquer que se aproximou dele. Essa era a situação. (RA 2)

Pseudo-Calístenes retrata Nectanebo como um sacerdote perito em magia e em prever o futuro por meio da lecanomancia³⁸.

É importante ressaltar que nesse contexto, Nectanebo é o deus Amon encarnado, visto que os faraós são representações dos deuses na terra.

Como mago, ele atraiu a atenção de Olímpia, que era apreciadora das artes místicas, e mais tarde tornou-se secretamente pai de Alexandre, dando então continuidade à linhagem de sangue dos faraós.

No Egito, quando Nectanebo tinha desaparecido, os egípcios decidiram consultar o antepassado de seus deuses, Hefesto, sobre o que tinha acontecido ao rei do Egito. Foi então enviado um oráculo, e deu este oráculo: O rei que fugiu do Egito, o poderoso, o governante forte e envelhecido, depois de um tempo voltará para a planície do Egito um jovem, tendo jogado fora o aspecto da velhice, e tendo viajado o mundo inteiro, ele te dará vitória sobre os teus inimigos. Quando este oráculo foi proferido, eles não entenderam o seu significado, então eles escreveram no pedestal da estátua de Nectanebo os versos para um registro quando algum tempo, em algum lugar, o oráculo deveria ser cumprido. (RA 3)

Segundo a lenda, Nectanebo se tornou reconhecido e famoso na corte macedônica por conta de seus dons. Curiosa, Olímpia o convocou para uma entrevista.

³⁸Procedimento divinatório que é realizado por meio da interpretação do som feito por pedras preciosas e outros objetos ao cair em um vaso largo e raso.

O mago, que sempre foi indiferente com as mulheres, se sentiu atraído pela beleza estonteante da rainha.

Como Nectanebo também se dizia profeta e astrônomo, Olímpia perguntou sobre Filipe, visto que estava ausente, e os boatos diziam que após a guerra ele a abandonaria, contraindo novas núpcias.

Analisando a hora e o dia do nascimento de Olímpia, o mago respondeu que o boato sobre a separação imediata era falso, porém de algum tempo isso realmente aconteceria. Contudo, o destino havia decretado que ela encontraria um deus na terra e daria luz ao filho de Amon, portanto que ficasse preparada, como mulher e rainha.

[...] Após esta conversa, Nectanebo saiu do palácio. Sem demora, ele correu para o deserto e juntou as ervas que têm o poder de produzir visões, através das quais ele enfeitiçaria o sono de Olímpia e produziria uma imagem do ato que ela desejava. E tendo rapidamente feito isso, ele fez um corpo feminino de cera e escreveu na figura o nome de Olímpia. Então fez uma cama de cera e vestiu a estátua que tinha feito de Olímpia. Ele acendeu um fogo e derramou sobre ele o caldo da planta, dizendo os votos adequados para estas ações, até que os espíritos apareceram para Olímpia. Então, de fato, em seu sono, viu Amon reunir-se com Olímpia e abraçá-la e, depois que ele se levantou, dizendo: Senhora, em seu ventre você carrega seu vingador. Quando ela se levantou de seu sono, Olímpia ficou maravilhada com o cumprimento da profecia. Ela mandou chamar o mago e disse: Eu vi o deus de quem você me falou. Ele veio pessoalmente a mim, deixando de lado a sua divindade. Agora, portanto, eu quero deitar com ele quando estou acordado e é dia. Então você arranja isso, eu me admiro de como isso lhe escapa. (RA 5)

Após a passagem descrita, relata-se que Nectanebo mandou Olímpia preparar-se, pois naquela noite uma serpente adentraria seus aposentos, tornaria a forma de um deus e a fecundaria como ela havia sonhado. Olímpia então preparou um quarto próximo ao seu para Nectanebo. E chegando o horário marcado, Olímpia mandou que seus servos saíssem de seus aposentos, e a serpente entrou no quarto, como ele havia dito, e Olímpia não teve medo.

Olímpia disse: Nobre é a tua profecia, toma o quarto, e quando acordado o vejo e sei que recebi o sêmen de um deus. Eu como rainha, te honrarei, e me gloriarei de que és o pai da criança. Ele disse: Eu vos anunciei o sibilar da serpente, para que não amedrontes a criatura, mas antes seja amável com ele e sem medo. Nectanebo disse: O primeiro prenúncio do deus que vem para você é este: quando você entrar e se sentar em seu quarto, você verá uma serpente vir rastejando para você. Você deve ordenar aqueles que estão lá para sair. Não apagar a luz das lâmpadas, ir reclinar-se no teu sofá e cobrir o teu rosto ... Mais uma vez verás o deus que vistes vir ter contigo nos teus sonhos. Tendo assim falado, saiu. [...] E ela reclinou sobre a cama e cobriu seu rosto; Só pelo canto do olho ela o viu assumindo a aparência que ela viu no sonho. E ele deixando de lado o cajado de madeira, levantou-se na cama e virou Olímpia para ele e acasalou com ela. E, levantando-se, feriu sua barriga, e disse: Ó filho, permanece para sempre invicto, supremo! Com estas palavras, ele foi para o seu próprio tempo de espera. E o futuro seguiu seu curso: regozijou-se por ter sido abraçada por uma serpente, Amon, Heracles, Dionísio, tudo divino. (RA 6)

É interessante o fato de o deus ter tomado a forma de serpente, visto que essa analogia está bem presente em outras histórias sobre Alexandre, como veremos mais a frente durante sua expedição ao oráculo de Siwah, no Egito, e como Plutarco relata sendo essa relação com as cobras um dos motivos do afastamento de Filipe:

Dizem também que uma vez, quando ela dormia, apareceu-lhe no leito uma grande serpente que se lhe estendeu toda ao lado e foi causa principal, pelo que se presume, de arrefecer o amor que lhe dedicava e as carícias que lhe fazia o marido, de maneira que ele, ao contrário do que antes se acostumara, já não ia com tanta frequência deitar-se com ela, ou porque receasse que a mulher o enfeitiçasse, ou porque se reputasse indigno de sua companhia, julgando-a amada e gozada por algum deus. (VA 4)

A lenda ainda prossegue, dizendo que quando Olímpia estava sentindo as dores do parto, Nectanebo serviu-lhe de parteira, dizendo:

Dê à luz agora, ó rainha, e aquele que nascer será um conquistador do mundo. Imediatamente Olímpia gritou mais alto do que um touro e deu à luz um menino e quando o menino caiu no chão, houve um terremoto, trovões e relâmpagos frequentes, de forma que o mundo todo parecia tremer. (RA 12)

Quando Alexandre chega ao Egito e expulsa os persas, o relato narra que foi mostrada a Alexandre uma grande estátua de Nectanebo na qual estava inscrito:

O rei que fugiu retornará ao Egito, não mais um homem velho, mas um jovem, e submeterá nossos inimigos os persas para nós. (STONEMAN, 1997 p.38)

Como grande parte da literatura apocalíptica³⁹, é provável que tal inscrição tenha sido planejada apressadamente para o presente momento.

O fato é que a lenda foi respaldada pela realidade, Alexandre foi reconhecido como faraó ao libertar o Egito da dominação persa, e como os faraós além de reis eram também considerados um deus encarnado, isso corroboraria com toda divindade atribuída à sua figura. Existe a polêmica se de fato existiu uma cerimônia de coroação, ou se ele apenas foi aceito como tal.

Apenas o romance de Alexandre, na verdade menciona uma coroação, e pode ser que nenhuma cerimônia formal tenha ocorrido; Alexandre foi simplesmente reconhecido como o mais recente na linha de governantes e provido de um título real e cartucho⁴⁰. (STONEMAN, 1997 p.38)

2.3. O rei, o deus e o oráculo

³⁹ A literatura apocalíptica é um gênero de temática profética cujas revelações muitas vezes são mediadas por outro ser mundano à um receptor humano, revelando uma realidade transcendente que é simultaneamente temporal, na medida em que prevê a salvação escatológica, ou espacial, na medida em que envolve um outro ser sobrenatural. COLLINS, 1979, p. 9.

⁴⁰ É um símbolo de forma oblonga rematado por um traço onde se escrevia o nome dos faraós do Egito

A divinização dos mortais estava tornando-se comum, Alexandre com base em suas vitórias, aclamado como um deus-rei e sucessor do faraó, deve ter começado assimilar de fato se o que sua mãe lhe dizia era real. Se ele era realmente filho dos deuses.

Essas considerações podem ter sido o motivo final que o levou a peregrinação ao oráculo de Amon. (STONEMAN, 1997 p.38)

As lendas sobre o nascimento de Alexandre afirmam que ele teria nascido como um filho para Amon e não para Filipe. Na Grécia Amon era reconhecido como uma das facetas de Zeus.

Durante sua estada no Egito, provavelmente no ano de 332\331 BCE, Alexandre decide visitar o oráculo de Amon em Siwah, a 300 milhas a oeste de Mênfis, no deserto da Líbia.

Durante a famosa expedição, Arriano e Plutarco narram que o deserto era inóspito e escaldante, mas Alexandre era decidido e raramente desistia de suas missões. No percurso, Alexandre rezou aos deuses e por consequência disso caiu uma chuva torrencial que endureceu a areia e refrescou o ar. Quando o grupo parecia perdido, duas serpentes apareceram e com uma espécie de silvo conduziu o grupo até o oráculo.

Sobre o episódio das duas serpentes⁴¹, Arriano registou a seguinte passagem:

O exército de Alexandre errava, sem rumo certo, com os guias numa dúvida completa sobre o melhor caminho a tomar. Ptolomeu, o filho de Lagos conta que apareceram duas serpentes que caminhavam à frente do exército, lançando os seus assobios. Alexandre ordenou que os guias as seguissem tais divindades. As serpentes conduziram-nos até ao oráculo do deus e depois no caminho de regresso. (ANÁBASE DE ALEXANDRE 3.3)

É possível ver nessa narrativa de Arriano, as duas serpentes-ureus⁴² que a mentalidade egípcia concebia como protetoras e símbolos do poder faraônico, presentes em inúmeros objetos artísticos e insígnias de poder. As serpentes os guiaram até o oráculo do deus e também em seu regresso.

⁴¹ Anábese de Alexandre 3. 3, 5-6.

⁴² Serpentes Ureus. Ureus é o adorno usado em forma de serpente ostentado nas coroas dos deuses e de faraós do Antigo Egito como símbolo de soberania, de realeza, divindade e autoridade divina.

Em sua chegada foi recebido por um sacerdote de Amon que o chamou, propositadamente ou por lapso, de filho de Amon. O ato de tratar Alexandre como filho do supremo deus egípcio fazia dele o legítimo sucessor/herdeiro dos faraós, conferindo-lhe assim, poderes ilimitados em território egípcio.

Sobre a experiência do rei em Siwah, Plutarco conta que Alexandre pergunta ao oráculo se todos os culpados pelo assassinato de seu pai (referindo-se a Filipe II) tinham pagado pelo terrível crime. O oráculo então responde que ele estava cometendo uma blasfêmia, pois seu pai não era mortal, portanto não poderia ter morrido.

[...] Por fim, tendo atravessado o deserto, chegou ao templo que procurava. Ao chegar, saudou-o o grande presbítero da parte do deus, como de seu pai; e Alexandre perguntou-lhe se tinha escapado algum dos que lhe mataram o pai. Respondeu-lhe o presbítero que se guardasse de blasfemar, porque seu pai não era mortal. Enquanto, retomando a conversa, perguntou-lhe se os assassinos que haviam conspirado a morte de Felipe tinham sido todos punidos; e depois o interrogou também sobre a sorte do seu império e se ele lhe concederia a graça de torná-lo monarca do mundo inteiro. Pela boca de seu profeta, o deus respondeu-lhe que sim, e que a morte de Felipe tinha sido inteiramente vingada. (VA 52)

3. Divino

3.1. O contexto Egípcio: o bom filho a casa torna

Depois do séc. XII BCE, o Egito foi sucessivamente invadido por diversos povos. Em 670 BCE, os assírios conquistaram o Egito, dominando-o por oito anos. Após libertar-se dos assírios⁴³, o Egito começou uma fase de recuperação econômica e brilho cultural conhecida com renascença saíta. Essa fase recebeu esse nome porque a recuperação egípcia foi impulsionada pelos soberanos da cidade de Sais⁴⁴. A prosperidade, porém, durou pouco.

A situação dos egípcios não era nada invejável. Havia menos de um século que o exército do Nilo fora suplantado por Nabucodonosor. Desde então, o poderio do Egito não progredira, enquanto a Pérsia tinha crescido como um gigante faminto.

O Egito estivera sob controle intermitente dos persas desde os últimos 25 anos do séc. VI BCE, quando Cambises⁴⁵ invadiu e conquistou o território. Permaneceu independente por cerca de 60 anos ao longo do séc. IV BCE, mas foi reconquistado em 343 BCE por Artaxerxes III⁴⁶.

No séc. V BCE, o Egito fizera parte do Império Aquemênida, mas recuperara sua independência em 404 BCE. Em 373 BCE, um ataque em grande escala foi repellido pelo faraó Nectanebo I⁴⁷, e uma época de restauração nacional havia começado.

Nectanebo I foi sucedido por seu filho Teos⁴⁸, que lançou uma ofensiva contra a Pérsia, tentando obter apoio na Fenícia (o moderno Líbano), o alvo natural da expansão egípcia.

Teos partiu na primavera de 360 BCE, deixando para trás seu irmão Tjahapimu⁴⁹ como governador do país. No entanto, quando a força expedicionária chegou à Fenícia, chegaram notícias de que Tjahapimu havia se revoltado e oferecido o trono a seu filho

⁴³ Os assírios são um grupo étnico com origem no Crescente Fértil, região que compreende os territórios dos atuais estados da Palestina, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano e Chipre, bem como partes da Síria, do Iraque, do Egito, do sudeste da Turquia e sudoeste do Irã. Ao contrário do que muitos acreditam, o povo assírio não sumiu depois da queda do Império Assírio, mas passou a constituir minorias étnicas sob o domínio de outros grupos desde o início da Idade Média.

⁴⁴ Cidade egípcia na parte ocidental do Delta que foi capital do Egito durante a XXIV dinastia.

⁴⁵ Cambises II, rei da Pérsia entre 530 BCE e 522 BCE, foi o segundo governante da dinastia dos Aquemênida.

⁴⁶ Décimo xá do Império Aquemênida

⁴⁷ Faraó do Egito entre 379/8–361/0 BCE

⁴⁸ Faraó do Egito entre 361/0–359/8 BCE

⁴⁹ Príncipe egípcio, filho de Nectanebo I, irmão do Faraó Teos.

Nectanebo II, que estava no exército de Teos como comandante dos soldados egípcios e das cidades sitiadas na Síria. A causa da insurreição teria sido o descontentamento entre os sacerdotes, mas pode-se suspeitar que, de fato, o rei persa Artaxerxes II havia oferecido dinheiro para Tjahapimu e Nectanebo II. A política persa de dividir oponentes é bem conhecida da Grécia.

Teos foi incapaz de reprimir a rebelião. Assim terminou a expedição; o rei fugiu para a Pérsia, onde o rei Artaxerxes II concedeu-lhe refúgio. O reinado do faraó Nectanebo II, por volta de 359/358 BCE, poderia começar.

A história das décadas anteriores mostrou que os persas ainda consideravam o Egito como um dos seus territórios e era provável que um dia voltassem.

Em seu nono ano de reinado os persas finalmente chegaram em 351 BCE. Pouco se sabe sobre esta campanha, exceto pelo fato de que dois líderes mercenários gregos lidaram com isso. A derrota persa deve ter sido devastadora, porque o rei Artaxerxes III agora pessoalmente começou a construir um exército maior na Babilônia.

Marchando seu exército para o sul a partir da Fenícia, Artaxerxes perdeu um número significativo de tropas nos pântanos do Lago Sirbonis. Alcançando Pelusium com o restante de seu exército, ele encontrou as proximidades do Nilo protegidas por um exército de 100.000 tropas de líbios, gregos e nativa, uma equipe de frotas de navios de guerra, uma série de fortalezas de fronteira e outras fortificações temporárias. (GMIRKIN 2006, p.217)

Nectanebo sabia o que estava acontecendo e sabia como intervir. O povo de Sidon⁵⁰ sentiu-se oprimido pelo tamanho dos preparativos de Artaxerxes, e o rei egípcio parece ter dito ao seu rei que ele viria em seu auxílio se eles se rebelassem. E assim aconteceu: os sidônios se revoltaram e Nectanebo enviou devidamente 4.000 mercenários gregos para Sidon. Eles foram comandados por um dos melhores generais gregos, Mentor de Rodes, que tinha sido forçado a fugir para o Egito depois que ele se juntou a uma revolta fracassada contra os persas.

Tendo perdido sua marinha e ainda não tendo seu exército pronto, Artaxerxes ordenou que construísse navios. Os sátrapas da Cilícia e da Síria, tiveram que

⁵⁰ Cidade Fenícia

prosseguir para o país rebelde e conter a revolta. No entanto, eles foram repelidos por Mentor, e é possível que a revolta tenha se espalhado para Samaria e Judéia, no sul. Enquanto isso, outras cidades fenícias e os reis das nove cidades de Chipre haviam se juntado aos rebeldes.

Na Grécia, o orador ateniense Isócrates⁵¹ ficou muito impressionado; Em um discurso que ele proferiu em 347 BCE a Filipe II da Macedônia, ele disse que o sucesso dos rebeldes mostrou que a Pérsia estava condenada a ser destruída. Poucos analistas cometeram erros maiores, porque no ano seguinte Artaxerxes chegou a Sidon.

O Egito estava agora perigosamente exposto a um ataque inimigo. Tinha perdido a Fenícia e Chipre, que eram excelentes bases para a marinha que os persas precisavam. Nos últimos meses de 343 BCE, depois da inundação do Nilo, Artaxerxes chegou, juntamente com seus coronéis, ao eunuco Bagoas e ao mercenário geral Mentor de Rodes. Obviamente, os invasores tinham subornado pessoas no Egito, porque os mercenários gregos na guarnição de Pelusium no nordeste se renderam. De agora em diante, os invasores tinham uma cabeça de ponte no reino de Nectanebo. Não muito depois, Bubastis e outras cidades fortificadas caíram.

O Nilo estava agora aberto para a marinha persa, que seguia para Mênfis. Nectanebo tinha ido para aquela cidade, porque ele pensava que ele poderia fazer uma posição contra os persas em sua capital. Isso se revelou um grave erro: seus soldados pensaram que era um retiro e estavam desmoralizados. Vendo que sua posição havia se tornado inútil, o último faraó do Egito independente decidiu reunir suas posses e fugiu para Tebas no sul e, portanto, para a Núbia, onde morreu em 342/341 BCE.

Este foi o fim do último período da independência do Egito. Ele durou 62 anos.

Os egípcios odiavam seus novos senhores, e a guarnição persa entendeu que a população nativa se posicionaria imediatamente com todos que se apresentassem como libertadores.

Os egípcios acreditavam que Nectanebo, que havia expandido o Egito para a Síria e Chipre e ainda não estava morto, um dia voltaria expulsaria os persas. Nove anos e meio depois, essa ideia se mostrou mais ou menos verdadeira, quando o conquistador macedônio Alexandre, o Grande, chegou.

⁵¹ Isócrates 436 BCE – 338 BCE, Atenas

Os persas, sabendo que sua posição era inútil, renderam-se imediatamente, e os egípcios contaram histórias uns aos outros que Alexandre não era de fato filho de Filipe da Macedônia, mas de Nectanebo.

As poucas fontes que tratam desse período revelam que o domínio persa foi excessivamente severo. Portanto ao chegar em 332 CE, Alexandre, foi recebido de braços abertos por uma população disposta a aceitar outro rei estrangeiro desde que isso significasse o fim do domínio persa.

3.2. Filho de egípcio, egípcios é – a legitimidade do poder de Alexandre no Egito

Por que o povo egípcio aceitou Alexandre como um salvador e o reconheceram como seu faraó apesar dele ser apenas mais um estrangeiro? Afinal, o Egito só passou de uma dominação para outra.

Os egípcios nativos sofreram represálias consideráveis sob Artaxerxes III. Templos foram saqueados. Artaxerxes supostamente matou o touro Ápis e o carneiro de Mendes, banqueteadando-se com sua carne (GMIRKIN, 2006 p.216).

Portanto, a legitimação do poder de Alexandre no Egito veio por meio de uma junção de dois fatores: o desespero de um povo que odiava e não aguentava mais o domínio persa, e todo o reconhecimento mítico que representava a figura de Alexandre.

Esfolados sob o domínio persa, os egípcios deram crédito a uma profecia subversiva de que Nectanebo II retornaria ao Egito, após uma ausência de 13 anos, para derrubar os opressores persas e libertar seu povo.

A população o aceitou então como o cumprimento da profecia de Nectanebo, isto é, ele foi publicamente revelado como o filho do faraó – o Nectanebo reencarnado – cumprindo assim a profecia.

Além da profecia de Nectanebo, teve a ocasião do reconhecimento de Alexandre como filho de Amon, em sua visita ao oráculo.

A verdade é provavelmente ao cumprimentar Alexandre como filho de Amon, o oráculo estava apenas usando uma linguagem exacerbada por educação, mas a questão é que Alexandre assimilou as palavras como realidade, e a história se espalhou.

Dizem outros que o presbítero, querendo saudá-lo com expressão mais amável em língua grega, disse-lhe: Ó Paidion, que quer dizer caro filho, mas a língua o traiu um pouco, porque não era sua língua natural, e que ele pôs um “s” em lugar de um “n” no fim, dizendo ó pai Dios, que significa ó filho de Júpiter; e que Alexandre foi beneficiado por esse erro linguístico, pois entre os seus homens correu a notícia de que Júpiter lhe chamara seu filho. (VA 52)

E foi assim que, apesar de se mais um estrangeiro dentre os muitos que subverteram o Egito, Alexandre conquistou o Egito em 332 BCE. Ele posou como libertador do povo egípcio e benevolente sucessor dos faraós, participando de ritos em homenagem ao touro Ápis⁵² e outros deuses egípcios.

O mesmo sucesso não se deu aos seus sucessores.

3.3. Uma coisa é Alexandre, outra coisa são seus sucessores: a Dinastia Lágida.

Apesar do título de faraó, Alexandre não ficou no Egito para governar. Seguindo o exemplo das cidades conquistadas, e todas que ainda viriam a ser, ele deixou um representante grego no controle do referido território e seguiu em frente com a campanha pela Ásia. Em terras faraônicas ele deixou um de seus mais antigos generais e amigo: Ptolomeu.

Com a morte prematura e inesperada de Alexandre, seu império foi todo dividido entre seus generais. Em 304 BCE Egito ficou com Ptolomeu dando início a uma dinastia de reis de origem grega: Os lágidas⁵³. Se com Alexandre houve um reconhecimento da legitimidade de poder, porém, a princípio, o mesmo não se pode dizer de seus sucessores.

⁵² O touro Ápis encarnava, ao mesmo tempo, os deuses Osíris e Ptah. O culto do touro Ápis, em Mênfis, existia desde a I dinastia pelo menos. Também em Heliópolis e Hermópolis este animal era venerado desde tempos remotos.

⁵³ A dinastia ficou conhecida como dinastia lágida por causa do nome de seu primeiro governante, Ptolomeu Lago.

O reinado dos Ptolomeus foi um período de grande desenvolvimento para o Egito, na agricultura, no comércio, na economia. Eles geriam o país como um negócio que deve dar lucro e realmente foi uma fase de prosperidade

Apesar de serem “herdeiros” de Alexandre, o povo egípcio nativo não aceitava bem os Ptolomeus como faraó, e coube aos sacerdotes locais que legitimaram o governo ptolomaico em todo o Egito.

Para a população egípcia nativa, esses reis eram muito mal vistos. A repressão era a política que eles usavam contra as rebeliões constantes. Durante o reinado de Ptolomeu V, uma dinastia egípcia tentou tomar o poder e as rebeliões foram violentas. Foi uma mudança radical para o povo do Egito, inclusive a língua oficial passou a ser o grego.

O povo egípcio foi tratado com dureza, viviam em sua maioria na pobreza, trabalhando na agricultura, morando em povoados e completamente afastados do poder. Os gregos eram obviamente os mais favorecidos, vivendo nas cidades, especialmente em Alexandria que era a bela capital.

O norte do Egito sofreu a forte influencia da cultura grega e Alexandria era uma das mais belas e impressionantes cidades do mundo na época. Os Ptolomeus cuidaram de embelezá-la e como típicos gregos cuidaram das atividades do espírito. O museu e em especial a biblioteca de Alexandria (uma das sete maravilhas do mundo antigo) eram locais onde se reuniam os principais cientistas, poetas, artistas e sábios em geral.

Com relação à religião, os Ptolomeus introduziram novos deuses, mas respeitavam os antigos cultos. Na verdade diversos desses reis construíram templos como os egípcios faziam e as terras dos templos continuaram a produzir para os sacerdotes, como era antes. Isso agradava ao povo e ao clero. Na verdade a população grega era mais influenciada pela religião egípcia do que o contrário.

Nos últimos anos da dinastia lágida, houve muitas lutas pelo poder entre os próprios governantes, de tal maneira que Roma precisou intervir para recolocar Ptolomeu XII Evergetes no trono. Daí em diante, os romanos passam a cumprir um papel cada vez mais importante na história do Egito.

No reinado de Cleópatra VII, filha de Ptolomeu XII, se deu outra intervenção romana. Embora a rainha fosse uma governante capaz politicamente, ela foi envolvida na luta pelo poder entre os romanos Otávio Augusto e Marco Antônio e escolheu ficar

do lado errado. Derrotada junto com Marco Antônio na batalha do Accio, Cleópatra cometeu suicídio.

Com a morte de Cleópatra o Egito também morreu, transformou-se em província romana.

O reinado dos lágidas pode ser caracterizado como um estado burocrático, fortemente centralizado e militarmente estruturado, principalmente para controlar e fiscalizar o recolhimento dos impostos. Eles não permitiam que as regiões controladas fossem autônomas, por medo de motins e temiam perder seu poder.

Do ponto de vista econômico, foi uma época de muita exploração. Em todas as regiões onde dominavam, estabeleciam oficiais, tropas militares e encarregados das finanças e do recolhimento dos impostos. Cerca de um terço da produção era arrecadado em forma de tributo. De modo geral, os reis lágidas procuraram fixar os soldados estrangeiros no Egito, dando-lhes terras para cultivar em troca do serviço militar. Assim usando a estrutura dos macedônios no exército, conseguiram formar uma máquina militar de respeito.

Considerações Finais

O ambiente que Alexandre cresceu, associado a sua personalidade acentuada, foram os primeiros aspectos que contribuíram para a criação da sua personalidade divina.

As conquistas e as sucessivas vitórias devem ter servido como catalizadores, para a criação dos mitos. Ele passou por muitos lugares, mas não ficou em nenhum. Passava, conquistava e seguia em frente. Como um furacão que vem, destrói tudo pela frente e acaba. Depois as pessoas falam sobre ele e como ele foi devastador.

Sua passagem por esse mundo foi tão breve e surpreendente que é perfeitamente aceitável a associação de sua figura ao divino, a coisas inexplicáveis e grandiosas. E aí está a ligação responsável pela criação do mito: a combinação de fatores únicos. Se pegarmos um príncipe de temperamento forte, acrescentar uma mãe sem muitos escrúpulos, os ensinamentos que lhe foi induzido, as constantes conquistas, o fato de ser reconhecido como deus-rei no Egito e de ouvir de um oráculo que era filho de Amon, tudo isso resulta em Alexandre, o filho dos deuses.

Um aspecto relevante a ser destacado, é a concepção de deus da época. Diferente da atualidade em que temos a figura divina como algo intangível, distante, onipresente, onisciente e onipotente, na maioria das mitologias clássicas os deuses eram de certa forma humanizados. Portanto, naquele contexto, ser filho de um deus era algo plausível até certo ponto. Os deuses gregos vinham para o mundo mortal, tinham filhos com humanas se apaixonavam, brigavam entre outros valores humanos. Mesmo no Egito a proximidade entre deuses e humanos, era maior, tanto que o faraó era um deus encarnado.

Bibliografia

Fontes:

Edições da Loeb Classical Library

ARRIANO, *Anábase de Alexandre*, livro 1-7*.

DIODORO DA SICÍLIA, *Biblioteca Histórica*, livro 16*.

ESTRABÃO, *Geografia*, livro 17*.

JACOBY, Felix. *Die Fragmente der Griechischen Historiker* (CD-ROM edition).
Leiden: Brill, 2004.

MANETHO, *Aegyptiaca*, Cambridge: Harvard University Press*.

PLUTARCO, *Vida de Alexandre*, Vol 6*.

PSEUDO CALÍSTENES, *The Romance of Alexander the Great by Pseudo Callisthenes*.
Columbia University Press, New York and London 1969.

QUINTUS CURTIUS RUFUS, *História de Alexandre o Grande*, livro 4*.

Comentadores:

AMITAY, Ory. *From Alexander to Jesus*. Berkeley / Los Angeles: University of
California Press, 2010.

ANNIE, Maria. *Mesopotamia – Unabridged Guide*. Aspley: Emereo Publishing.

BOWDEN, Hugh. *Alexander the Great. A very Short Introduction*. New York: Oxford
University Press, 2014.

BOSWORTH, Albert B. “Alexander and the Iranians” in: *Journal of Hellenic Studies*,
Vol. 100. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

_____. *The Legacy of Alexander: Politics, Warfare and Propaganda under the
Successors*. New York: Oxford University Press, 2002.

BRIANT, Pierre. *Darius in the Shadow of Alexander*. Massachusetts: Harvard
University Press, 2015.

_____. *From Cyrus to Alexander*. Indiana: Eisenbrauns, 2002.

_____. “Imitatio Alexandri and its impact on late Arsacid, early Sasanian and
middle Persian literature” in: *Electrum*, Vol.12. Poland, 2007.

- CIANCAGLINI, C.A. “The Syriac Version of the Alexander Romance” in: *Le Muséon*, tomo 114, 2001.
- FREDRICKSMEYER, Ernst. Alexander the Great and the Kingship of Asia. In: BOSWORTH, Albert. B; BAYNHAM, Elizabeth. J. Alexander the Great in fact and fiction. New York: Oxford University Press, 2000.
- FOX, Robin L. “Alexander the Great: ‘Last of the Achaemenids?’” in: TUPLIN, Christopher. *Persian Responses*. Swansea: The Classical Press of Wales, 2007.
- GERSHEVITCH, Ilya. *The Cambridge History of Iran*. Vol. 2. Cambridge University Press, 1985.
- GMIRKIN, Russell E. *Berosos and Genesis, Manetho and Exodus. Hellenistic Histories and the Date of Pentateuch*. New York: T&T Clark, 2006.
- MANTEGHI, Halia. “Alexander the Great in the Shāhnāmeḥ of Ferdowsī” in: *The Alexander Romance in Persia and the East*. Groningen: Barkhuis Publishing, 2012.
- MONFERRER-SALA, Juan. “Alexander the Great in the Syriac” in: *A Companion to Alexander Literature in the Middle Ages*. Boston: Leiden, 2011.
- NICHOLSON, Oliver. *The Oxford Dictionary of Late Antiquity*. Oxford; Oxford University Press, 2018.
- RICE, Ellen E. *Alexander the Great*. Gloucester: The History Press, 2011.
- SALES, José das C. - “Prodígios e presságios como marcas da sobrenaturalidade de um herói predestinado: o caso de Alexandre Magno”. *Cadmo: Revista de história antiga*. Vol. 15. 2005, p. 71-104. Acesso em 07 de julho, 2018.
- STONEMAN, Richard. *Alexander the Great: a life in legend*. New Haven: Yale University Press, 2008.
- STONEMAN, Richard. “Primary Sources From the Classical and Early Medieval Periods” in: Z. David Zuwiyya. *A companion to Alexander literature in the Middle Ages*. Vol 29. Leiden: Brill, 2011.

Declaração de Autenticidade

Eu, Stephany Guedes Krause, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado “A DEIFICAÇÃO DA FIGURA MÍTICA DE ALEXANDRE O GRANDE E A RELAÇÃO COM SUA PATERNIDADE EGÍPCIA” foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho é inédito e que nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico, nem foi publicado integralmente em qualquer idioma ou formato.

Brasília, 11 de Julho de 2018.

Stephany Guedes Krause